



**DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: UMA FALÁCIA IMPOSTA  
PELA ÓTICA MERCADOLÓGICA INTERNACIONAL EM  
DETRIMENTO DAS PRÓPRIAS FACETAS DA SUSTENTABILIDADE**

**SUSTAINABLE DEVELOPMENT: A FALLACY IMPOSED BY  
OPTICAL MERCHANTABILITY INTERNATIONAL DETRIMENT OF  
OWN SUSTAINABILITY FACETS**

*Nathalie Kuczura Nedel<sup>1</sup>  
Bruna Hundertmarch<sup>2</sup>  
Isabel Christine De Gregori<sup>3</sup>  
Leonardo Sagrillo Santiago<sup>4</sup>*

**Resumo**

A partir de 1972 passou-se a ter uma política alternativa de desenvolvimento, em que este não mais era tido como sinônimo de crescimento econômico, mas sim atrelado as cinco dimensões da sustentabilidade. Ou seja, o desenvolvimento sustentável caracteriza-se por atender as necessidades das presentes gerações sem comprometer as necessidades das futuras. Trata-se, pois, de um conceito que

---

<sup>1</sup> Professora substituta da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestranda em Direito na Linha de Pesquisa Direito da Sociobiodiversidade e Sustentabilidade do Programa de Pós-graduação em Direito da UFSM. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Propriedade Intelectual na Contemporaneidade Graduada em Direito pela UFSM. nkuczura@gmail.com.

<sup>2</sup> Mestranda em Direito na Linha de pesquisa Direitos da Sociobiodiversidade e Sustentabilidade pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Graduanda no Programa de Graduação de Formação de Professores para a Educação Profissional pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Propriedade Intelectual na Contemporaneidade. Graduada em Direito pelo Centro Universitário Franciscano. Bolsista CAPES. brunahundertmarch@gmail.com.

<sup>3</sup> Doutora em Desenvolvimento Regional pela Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. Professora Adjunta do Departamento de Direito da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Direito da Sociobiodiversidade – GPDS, registrado no Diretório de Grupos do CNPQ e certificado pela UFSM. Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Propriedade Intelectual na Contemporaneidade, registrado no Diretório de Grupos do CNPQ e certificado pela UFSM. E-mail: isabelcsdg@gmail.com

<sup>4</sup> Professor do Centro Universitário Franciscano. Mestrando em Direito pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Pós-graduado em Ciência Criminais pela Faculdade Anhanguera - UNIDERP. Bacharel em Direito pela UNIFRA. Advogado. leo\_santiago@hotmail.com.

traz consigo uma carga positiva, razão pela qual foi empregado no discurso de diversas empresas na pós-modernidade. Assim, o presente estudo busca verificar se o vocábulo desenvolvimento sustentável tem sido aplicado de forma a contemplar tanto o progresso quanto as facetas da sustentabilidade, a fim de que seja possível apontar maneiras para que haja uma real imbricação de tais conceitos. Para tanto, utilizou-se como método de abordagem o método dialético e como método de procedimento o estruturalista. Já como teoria de base empregou-se a teoria sistêmica. Sendo assim, com o emprego destes, concluiu-se que as empresas têm utilizado um discurso falacioso, que acaba por ludibriar o cidadão, que não tem conhecimento dos riscos aos quais está exposto. Ademais, tal atrelado a outros fatores, acaba gerando uma recessão, da qual para sair é necessário efetivar no plano fático o desenvolvimento sustentável. Para tanto, necessário se faz desenvolver uma consciência ecológica, bem como pensar em uma economia ecológica, a fim de que sejam reestruturados mecanismos jurídicos, seja repudiada a mercantilização da vida e de conhecimentos, bem como a busca por resultados a curto prazo.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento Sustentável; Dimensões da Sustentabilidade; Discurso falacioso; Economia Ecológica; Consciência Ecológica.

### **Abstract**

From 1972 began to have a development alternative policy, it was no longer considered synonymous with economic growth, but tied the five dimensions of sustainability. In other words, sustainable development is characterized by meeting the needs of present generations without compromising future needs. It is therefore a concept that carries a positive charge, why was employed in the speech of various companies in postmodernity. Thus, this study aims to verify whether the term sustainable development has been applied to take account of both the progress as facets of sustainability, so that you can point out ways so there is a real overlap of these concepts. Therefore, it was used as method of approach the dialectical method and procedure as the structuralist method. Already as a basic theory we used the systemic theory. Thus, with the use of these, it was concluded that companies have used a fallacious discourse, which turns out to deceive the citizen, who is not aware of the risks to which it is exposed. Moreover, such linked to other factors, it generates a recession, which is necessary to carry out the factual plan sustainable development. Therefore, need to do to develop an ecological conscience and think of a green economy, in order that they be restructured legal mechanisms, either repudiated the commodification of life and knowledge, as well as the search for short-term results.

**Keywords:** Sustainable Development; Dimensions of Sustainability; Fallacious discourse; Ecological Economics; Ecological Consciousness.

## **INTRODUÇÃO**

O conceito de desenvolvimento sustentável mais difundido na atualidade é aquele estampado no Relatório Brundtland, segundo o qual aquele restará

caracterizado quando se atender as necessidades das presentes sociedades, sem comprometer a possibilidade das futuras gerações atenderem as suas. Assim, buscou-se atrelar desenvolvimento e sustentabilidade em um único conceito. Dessa forma, o vocábulo desenvolvimento que, por muitas vezes, é tido como negativo, é acompanhado da palavra sustentabilidade, o que conduz a uma atenuação dos efeitos negativos do crescimento meramente econômico, demonstrando que o desenvolvimento se dará, mas atentando-se às necessidades das gerações presentes e futuras. Ademais, igualmente, afasta-se da ideia de que desenvolvimento é sinônimo de crescimento econômico.

Assim, frente a esse contexto, muitas empresas passaram a empregar o vocábulo desenvolvimento sustentável, a fim de demonstrar que se preocupam e que observam a sustentabilidade. Nesse viés, cumpre referir que a sustentabilidade é multidimensional, apresentando ao menos cinco dimensões – social, econômica, ecológica, espacial e cultural -, as quais estão indissociavelmente interligadas. Isso é, para que a sustentabilidade seja, de fato, observada é preciso que todas essas facetas sejam respeitadas e tuteladas, do contrário, ter-se-á uma falácia de desenvolvimento sustentável, a fim de que os cidadãos acreditem naquela empresa enquanto protetora de um ambiente equilibrado e alavanquem ainda mais os seus lucros e progresso, em detrimento de uma degradação das condições dignas de vida.

A título de exemplo, tem-se a empresa Monsanto, a qual, como é sabido já causou e continua a causar diversos danos ao meio ambiente e à saúde de diversas populações, porém ao consultar o site de aludida empresa encontra-se que “a agricultura sustentável é a essência da Monsanto”<sup>5</sup>. Cabe assim, perquirir, se essa empresa, assim como tantas outras, que se utilizam do vocábulo sustentável, de fato, estão buscando o seu progresso/desenvolvimento e observando a sustentabilidade? Não seria isso uma falácia para aparentemente reduzir os impactos negativos da utilização apenas do vocábulo crescimento, sem que haja qualquer comprometimento com as facetas da sustentabilidade na prática? Nesse viés, quais seriam as maneiras de, efetivamente, imbricar o desenvolvimento e a sustentabilidade?

---

<sup>5</sup> MONSANTO. *Agricultura Sustentável*. Disponível em: <<http://www.monsanto.com/global/br/quem-somos/pages/nossos-compromissos.aspx>>. Acesso em: 13 maio 2014.

Verifica-se, pois, que o presente artigo visa analisar se o vocábulo desenvolvimento sustentável tem sido aplicado de forma a contemplar tanto o progresso quanto a sustentabilidade, a fim de que seja possível apontar maneiras para que haja uma real imbricação de tais conceitos, sem que se trate de uma falácia imposta pela ótica mercadológica.

Assim, para cumprir com o objetivo proposto, utilizou-se como método de abordagem o dialético, uma vez que se parte da contradição inerente ao próprio desenvolvimento sustentável. Já como método de procedimento empregou-se o método estruturalista, pois se parte da análise de um fenômeno concreto, qual seja, a aceção e a aplicação do conceito de desenvolvimento sustentável, para se elevar a um nível abstrato, a fim de verificar formas de conciliar, de fato, ambos os conceitos, para, ao final, retornar ao caso concreto, a fim de verificar a viabilidade de aplicação do que foi estruturado abstratamente. Cumpre referir, nesse ponto, que a pesquisa se desenvolveu por meio de análise bibliográfica e documental.

Assim, como técnica de pesquisa foram utilizados fichamentos e resumos. Já como teoria de base, adotou-se a teoria sistêmica, pois se analisa, de forma interdisciplinar, as partes – sustentabilidade e desenvolvimento -, bem como o conjunto complexo desses dois conceitos quando imbricados, sendo que o enfoque se dá no tocante à relação entre desenvolvimento e sustentabilidade e no comportamento do todo, ou seja, do desenvolvimento sustentável.

Dessa forma, para uma melhor compreensão do tema, o estudo em questão foi dividido em três partes. Inicialmente, analisar-se-á o surgimento do conceito de desenvolvimento e a sua união com o conceito de sustentabilidade, bem como a visão que se tem e que se busca impor quando se vislumbra, a busca pela sustentabilidade concomitantemente ao desenvolvimento. Na sequência, será analisada a sustentabilidade nas suas diversas facetas. Por fim, apontar-se-á a insuficiência do emprego prático do conceito de desenvolvimento sustentável, para, então, indicar maneiras de atrelar, de fato e eficazmente, o progresso e todas as facetas da sustentabilidade.

## **A CONSTRUÇÃO E OS ANSEIOS DO CONCEITO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL**

Inicialmente, analisar-se-ão as origens do desenvolvimento que se tem atualmente, para posteriormente ser possível compreender a razão pela qual o mesmo foi atrelado à sustentabilidade. Nesse norte, a percepção atual de desenvolvimento emergiu na década de 1940 no bojo da reconstrução dos escombros do pós-guerra, em que a Europa se encontrava em uma situação de atraso social e econômico.<sup>6</sup> Dessa forma, nas palavras de Ignacy Sachs “o desenvolvimento traz consigo a promessa de tudo.”<sup>7</sup>

Durante muitos anos, o desenvolvimento foi tido como sinônimo de crescimento econômico. Dessa forma, para se medir o desenvolvimento bastava analisar indicadores tradicionais, tais como o produto interno bruto (PIB)<sup>8</sup>. Esse entendimento, contudo, não prosperou, visto que os objetivos do desenvolvimento vão além da simples multiplicação da riqueza material. Ou seja, o desenvolvimento além do crescimento tem imbuído em si, a solidariedade, a equidade e a igualdade.<sup>9</sup>

Nesse contexto, no início da década de 1970, em razão do conflito entabulado entre crescimento econômico e o meio ambiente surgiu, o conceito normativo de ecodesenvolvimento ou hoje chamado de desenvolvimento sustentável. Tratou-se de uma forma de conciliar o progresso e a proteção ao meio ambiente, mostrando-se como uma reação, principalmente ao Clube de Roma, que previa o crescimento zero como forma de evitar catástrofes ambientais.<sup>10</sup> Assim, reconheceu-se que o crescimento econômico embora não seja a única forma de eliminar a pobreza e as disparidades sociais, revela-se necessário para tanto, desde que conjugado com outros elementos.

A partir de então passou-se a ter uma política alternativa de desenvolvimento, que com o passar dos anos demonstrou ampla aceitação. Assim, após 15 anos, foi publicado o Relatório Brundtland ou “Nosso futuro comum”, o qual trouxe o conceito de desenvolvimento sustentável como sendo “aquele que atende às necessidades

---

<sup>6</sup> TYBUSCH, Jerônimo Siqueira. *Sustentabilidade multidimensional: Elementos reflexivos na produção da técnica jurídico-ambiental*. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011. p. 72-73.

<sup>7</sup> SACHS, Ignacy. *Desenvolvimento includente, sustentável, sustentado*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008. p. 13.

<sup>8</sup> VEIGA, José Eli da. *Desenvolvimento sustentável: o desafio do século XXI*. 3. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2008. p. 17.

<sup>9</sup> SACHS, Ignacy. *Desenvolvimento includente, sustentável, sustentado*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008. p. 14.

<sup>10</sup> ROMEIRO, Ademar Ribeiro. Economia ou economia política da sustentabilidade. In: MAY, Peter H. *Economia do meio ambiente: Teoria e prática*. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010. p. 8.

do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem às suas necessidades.”<sup>11</sup> Em que pese, as diversas divergências que ainda pairam sobre o conceito de desenvolvimento sustentável, desde 1987, tem-se adotado como base o entendimento de referido relatório, que apresenta dois conceitos-chave, quais sejam, necessidade e limitação:

- O conceito de necessidade, sobretudo as necessidades essenciais dos pobres do mundo, que devem receber a máxima prioridade.
- A noção de limitações que o estágio da tecnologia e da organização social impõe ao meio ambiente, impedindo-o de atender as necessidades presentes e futuras.<sup>12</sup>

Resta evidente, pois, que o desenvolvimento não é sinônimo de crescimento econômico, ou seja, para que se alcance o desenvolvimento é necessário pensar na solidariedade diacrônica e sincrônica para as presentes e futuras gerações.<sup>13</sup> Em suma, o desenvolvimento sustentável importa em uma autoalimentação entre diversos sistemas – político, social, econômico, tecnológico etc. –, todos direcionados à busca pela concessão de condições dignas de vida a todos os cidadãos.

Em suma, verifica-se que

É necessário pensar a questão ambiental além da perspectiva do desenvolvimento tradicional. É preciso compreender um caráter multidimensional do desenvolvimento, bem como da sustentabilidade. Todo processo sustentável tem como fundamento o território como elemento no qual se cristalizam as bases ecológicas e suas identidades culturais.<sup>14</sup>

Assim, ante o aspecto positivo que se criou com a utilização do vocábulo desenvolvimento sustentável, uma vez que a partir do momento em que o mesmo está presente, verifica-se que não se busca apenas um crescimento econômico, mas sim que este se visa dentro da limitação imposta por outras perspectivas. Dentre as quais pode-se citar a diminuição das desigualdades sociais, a conservação das culturas, o cuidado e a preservação com o meio ambiente e a geração de empregos.

<sup>11</sup> ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Relatório Brundtland*. Disponível em: < <http://www.un.org/documents/ga/res/42/ares42-187.htm> >. Acesso em: 15 mai. 2014.

<sup>12</sup> MANTOVANELI JÚNIOR, Oklinger. A sustentabilidade como projeto para a cidadania planetária. In: PHILIPPI JÚNIOR, Arlindo; SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce, FERNANDES, Valdir. *Gestão de natureza pública e sustentabilidade*. Barueri: Manole, 2012. p. 66.

<sup>13</sup> MANTOVANELI JÚNIOR, Oklinger. A sustentabilidade como projeto para a cidadania planetária. In: PHILIPPI JÚNIOR, Arlindo; SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce, FERNANDES, Valdir. *Gestão de natureza pública e sustentabilidade*. Barueri: Manole, 2012. p. 69.

<sup>14</sup> TYBUSCH, Jerônimo Siqueira. *Sustentabilidade multidimensional: Elementos reflexivos na produção da técnica jurídico-ambiental*. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011. p. 85.

Em razão disso, muitas empresas passaram a planejar os seus discursos pautados no desenvolvimento sustentável. Dessa forma, o cidadão ao entabular relações com as mesmas acredita que está contribuindo para preservar as suas próprias necessidades e as das gerações futuras. Dessa maneira, quando se utiliza o vocábulo cria-se uma expectativa de que aquele produto não apresenta maiores riscos de aumento da desigualdade social, degradação ambiental e cultural etc.

Nesse viés, cabe analisar as diversas facetas da sustentabilidade, a fim de que seja possível verificar quando se está a observar, no campo prático, o desenvolvimento sustentável ou quando este é renegado à observância exclusiva do progresso daqueles que já são desenvolvidos.

## **SUSTENTABILIDADE: A INTERLIGAÇÃO DE SUAS DIVERSAS FACETAS PARA A GARANTIA DE UM AMBIENTE EQUILIBRADO**

Inicialmente, é importante ter presente que o conceito de sustentabilidade apenas possui concretude quando referido a um lugar e a um tempo específicos, ao sujeito do discurso, sobretudo, aos atores e agente cuja razão social seria a implementação de um modelo de desenvolvimento sustentável<sup>15</sup>. Assim, no mundo moderno, a sustentabilidade pode ser apreciada a partir de três concepções epistemológicas, quais sejam: a sistêmica com a obra de Frijtót Capra; a crítica com os estudos de Boaventura de Sousa Santos e a complexa pautada nos ensinamentos de Edgar Morin.<sup>16</sup>

Em que pese, as três acepções tenham pontos similares, no presente estudo, adotar-se-á a concepção sistêmica, uma vez que a mesma emprega o conceito de sustentabilidade baseado no cumprimento das necessidades das presentes e futuras gerações, havendo a necessidade de compreensão do que é posto como sendo interligado e interdependente.<sup>17</sup> Ou seja, é necessário ter presente, dentre

---

<sup>15</sup> SANTOS apud MANTOVANELI JÚNIOR, Oklinger. A sustentabilidade como projeto para a cidadania planetária. In: PHILIPPI JÚNIOR, Arlindo; SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce, FERNANDES, Valdir. *Gestão de natureza pública e sustentabilidade*. Barueri: Manole, 2012. p. 71.

<sup>16</sup> BOEIRA, Sérgio Luís. Sustentabilidade e epistemologia: visões sistêmica, crítica e complexa. In: *Gestão de natureza pública*. Barueri: Manole, 2012. p. 211.

<sup>17</sup> CAPRA, Fritjof. *A teia da vida*. São Paulo: Cultrix, 2002. p. 219.

outros, que o homem é parte da natureza e é a partir dessa percepção que se deve apreciar a relação homem/natureza.<sup>18</sup>

Tem-se, assim, que todo o processo de qualificação da vida humana deve transitar pelas múltiplas dimensões da sustentabilidade. Nesse diapasão, verifica-se que para se observar a sustentabilidade não basta respeitar o meio ambiente, afastando a degradação ambiental, é imperioso ter uma visão ampliada de sustentabilidade, em que a questão ambiental é apenas uma de suas facetas.

Em relação ao número de dimensões e quais seriam elas os doutrinadores não são uníssonos. A título de exemplo, Juarez de Freitas apresenta cinco dimensões, quais sejam: ambiental, econômica, social, ética e jurídico-política,<sup>19</sup> enquanto que José Eli da Veiga refere que o Relatório Brundtland determina que a sustentabilidade permeia as sete dimensões da vida, a saber: econômica, social, territorial, científica e tecnológica, política e cultural.<sup>20</sup>

Já Ignacy Sachs<sup>21</sup>, autor adotado para esta finalidade no estudo em voga, dispõe que a sustentabilidade apresenta cinco dimensões. A sustentabilidade social busca construir uma civilização com maior equidade na distribuição de renda e de bens, sendo inaceitável a miséria, a exclusão e/ou o *apartheid* social. A sustentabilidade econômica visa que os parâmetros econômicos sejam adequados aos imperativos sociais e morais e não ao revés, deve-se ter, pois, uma análise macrossocial. A sustentabilidade ecológica caracteriza-se pela potencialização e renovação dos recursos naturais disponíveis, limitação da exploração e do consumo predatórios, diminuição da emissão de resíduos e poluição, do avanço em pesquisas tecnológicas apropriadas e de normas de administração e proteção coerentes e eficazes. Por meio da sustentabilidade espacial visa-se uma configuração rural-urbano mais equilibrada e uma melhor distribuição territorial dos assentos humanos e das atividades econômicas. A sustentabilidade cultural, por sua vez, representa a necessidade de que as mudanças postas sejam realizadas dentro dos limites de cada cultura e levando-se esta em consideração, apresentando-se, assim, soluções específicas para a área, o ecossistema e a aquela cultura.

---

<sup>18</sup> BIFANI, Paolo. *Medio ambiente y desarrollo sostenible*. 4. ed. rev. Madrid: Instituto de Estudios Políticos para América Latina y Africa (EPALA), 1999. p. 156.

<sup>19</sup> FREITAS, Juarez. *Sustentabilidade: direito ao futuro*. 2. ed. Belo Horizonte: Fórum, 2012.

<sup>20</sup> VEIGA, José Eli da. *Meio ambiente e desenvolvimento*. São Paulo: Senac São Paulo, 2006. p. 173.

<sup>21</sup> SACHS, Ignacy. Estratégias de transição para o século XXI. In: BURSZTYN, Marcel (org.). *Para pensar o desenvolvimento sustentável*. São Paulo: Brasiliense, 1994.p. 37.



Frise-se que as citadas dimensões não se revelam como sendo estanques, as mesmas conversam entre si, de modo que uma intervém na outra<sup>22</sup>. Ademais, para que se possa referir que se está diante de uma relação sustentável deve-se atentar para as cinco facetas, sob pena de não se observar, de fato, a sustentabilidade, que é um todo complexo composto por partes.

Apreciadas as facetas da sustentabilidade, cumpre verificar se o conceito de desenvolvimento sustentável vem, na prática, sendo empregado fidedignamente ou como uma falácia. Verificar-se-á, assim, se na atualidade o desenvolvimento tem observado todas as dimensões da sustentabilidade, como forma de buscar o equilíbrio ecológico e condições dignas de vida.

## **A INSUFICIÊNCIA PRÁTICA DO CONCEITO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: MANEIRAS DE IMBRICAR REAL E EFETIVAMENTE O DESENVOLVIMENTO COM A SUSTENTABILIDADE**

Embora o conceito de desenvolvimento sustentável seja deveras difundido e utilizado, mormente pelas grandes empresas multinacionais, que o alocam em seus sites, nos seus produtos, em suas propagandas etc., o certo é que o mesmo não é cumprido. Ou seja, o consumidor tem uma falsa ilusão de que ao adquirir aquele produto não está contribuindo para uma devastação ambiental, aumento das desigualdades sociais, perdas de culturas, dentre tantas outras implicações. Na realidade, nada mais se tem que o emprego do desenvolvimento como sinônimo de crescimento econômico, ou seja, visa-se o progresso a qualquer custo.

Contudo, é importante ter presente que na pós-modernidade em que se está inserido, a questão é velada, não há uma transparência, ao contrário, aqueles que detém o capital organizam-se de tal forma que aparentemente não é possível mensurar os riscos aos quais se está, de fato, exposto. A partir disso, cria-se uma interdependência cíclica, pois o que se propaga é o progresso em detrimento de qualquer faceta da sustentabilidade.

Apenas a título ilustrativo, tem-se o caso dos conhecimentos tradicionais associados à biodiversidade, os quais configuram-se como sendo um conjunto

---

<sup>22</sup> MANTOVANELI JÚNIOR, Oklinger. A sustentabilidade como projeto para a cidadania planetária. In: PHILIPPI JÚNIOR, Arlindo; SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce, FERNANDES, Valdir. *Gestão de natureza pública e sustentabilidade*. Barueri: Manole, 2012. p. 72.

complexo de informações acerca do manuseio do meio ambiente, que são transmitidas pelos índios ou comunidades locais, de gerações em gerações. Esses conhecimentos, que refletem a cultura do referido povo, auxiliam na manutenção do ambiente equilibrado e este, por sua vez, permite que a cultura se propague no tempo. Ocorre que diversamente, no mesmo tempo e espaço, que se trata de desenvolvimento sustentável, o acordo TRIPS, aplicável ao caso, permite que terceiros estranhos a essas comunidades se apropriem, por meio de patentes, desses conhecimentos, passando, assim, a ter a propriedade privada sobre os mesmos.<sup>23</sup>

Nesse viés, tem-se que diversas empresas que empregam no seu discurso o desenvolvimento sustentável tem se apropriado dos referidos conhecimentos. Ou seja, as empresas chamadas de bioprospectoras, embora aduzam que buscam a sustentabilidade, na realidade, não se preocupam com nenhuma das facetas desta. Isso porque não observam uma distribuição equitativa de bens e rendas e entre urbano-rural, não se preocupam com a degradação ambiental e com as especificidades das culturas que desvaem, tampouco, empregam parâmetros econômicos adequados aos imperativos sociais e morais das comunidades tradicionais.

Outro caso emblemático é o da empresa Monsanto, que a partir de 1995 optou por utilizar a engenharia genética e que segundo o seu discurso amplamente divulgado se pauta no desenvolvimento sustentável. Ocorre que ao contrário do seu discurso, a empresa realiza venda casada de produtos, degrada o meio ambiente, influi na saúde de populações etc., a fim de que os lucros e a acumulação de riqueza sejam cada vez mais intensos e concentrados.<sup>24</sup>

Verifica-se, pois, que embora impere na atualidade a aplicação do vocábulo desenvolvimento sustentável, o que se tem não é uma conciliação entre o progresso e o respeito às diversas facetas da sustentabilidade. Tem-se um desenvolvimento insustentável, se que caracteriza pela busca desenfreada pelo lucro, que é mascarada por discursos falaciosos. Assim, “o discurso da *sustentabilidade* aparece

---

<sup>23</sup> VIEIRA, Vinícius Garcia. *A Proteção da Biodiversidade Latino-Americana frente aos Direitos de Propriedade Intelectual sob o Modelo Trips: Alternativas e Divergências*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2009. p. 52-61.

<sup>24</sup> MOURA, Luís Cláudio Martins de. A questão dos transgênicos e a sustentabilidade da agricultura. In: *Revista Estudos*.Goiania, v. 35. n. 2. mar./abr. 2009. p. 262.

como um simulacro que nega os limites do crescimento, para afirmar a morte entrópica do planeta.”<sup>25</sup>

Dessa forma, revela-se de suma importância que, na prática, o desenvolvimento seja atrelado à sustentabilidade, sob pena de se ter uma crise. Nesse viés, cumpre referir que, no âmbito econômico, prepondera o entendimento que no seio do capitalismo as crises sempre existiram e este sistema mostra-se capaz de superá-las por meio da aplicação de novas tecnologias. Ocorre que hodiernamente vive-se em um mundo em que a vida da tecnologia é zero.<sup>26</sup> Assim, é necessário pensar em outras formas para que se possa sair da recessão mundial em que se está submerso.

Assim, necessário repensar a forma como se está propagando o desenvolvimento. É imprescindível para que se saia da recessão, bem como para que as futuras e presentes gerações possam atender as suas necessidades, que a economia exista em função da vida e não ao contrário. Dessa forma, verifica-se que é preciso que se busque o crescimento, mas este deve se operar em razão dos elementos necessários à manutenção de condições dignas de vida a todos.

Referida imbricação apenas será possível a partir da mudança da perspectiva global e neoliberal em que se está inserido. Nesse viés, para que seja possível implementar tal consciência e as facetas da sustentabilidade sejam realmente cumpridas, devem-se abolir legislações, normativas ou regulamentações que apresentem disposições contrárias aos interesses da coletividade global – como por exemplo o acordo TRIPS -, uma vez que assim não haverá instrumento jurídico legitimando práticas dessa estirpe. Atrelado a isso imperioso ter medidas coercitivas que se revelem suficientes para, realmente, punir as empresas que não observam a sustentabilidade e mais veementemente ainda, aquelas que se utilizam do vocábulo desenvolvimento sustentável como forma de ludibriar os cidadãos.

Outrossim, é preciso repudiar a mercantilização de conhecimentos e da própria vida, bem como afastar-se da visão a curto prazo típica do mundo atual. Ressalte-se que é contraditório tratar de desenvolvimento sustentável, levando-se

---

<sup>25</sup> LEFF, Enrique. *Ecología, Capital e Cultura: A territorialização da racionalidade ambiental*. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 236.

<sup>26</sup> DIERCKXSENS, Wim. Otro Mundo posible: El conocimiento como patrimonio de la humanidad. In.: RUBIO, David Sánchez; CID, Isabel V. Lucena; ALFARO, Norma J. Solórzano. *Nuevos colonialismos del capital: Propiedad intelectual, biodiversidad y derechos de los pueblos* Barcelona: Icaria Editorial, 2004. p. 209.

em consideração o disposto no relatório Brundtland, em que se pensa a longo prazo, com a realidade posta, em que se planejam as ações com vistas a obter os resultados a curto prazo.

Revela-se imperioso, para tanto, desenvolver a consciência ecológica, por meio da união de diversos sistemas, a fim de que se possa proteger não apenas a geração presente mas também as futuras gerações.<sup>27</sup> Ademais, para que seja possível sair da recessão e se observe na prática um desenvolvimento sustentável é preciso pensar em economia ecológica. Isso porque “as ciências naturais podem descrever o que é preciso para um mundo sustentável, mas compete às ciências sociais a articulação das estratégias de transição rumo a este caminho.”<sup>28</sup>

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Desde 1972, com a criação, no âmbito da Conferência de Estocolmo, do conceito de ecodesenvolvimento, que a partir do Relatório Brundtland passou a ser denominado desenvolvimento sustentável, iniciou-se a rechaçar, de forma mais contundente, a ideia de que desenvolvimento e crescimento econômico revelam-se como sendo sinônimos. Isso porque difundiu-se o entendimento de que o desenvolvimento está atrelado a outros fatores além do crescimento econômico. Assim, mais especificamente, para se ter desenvolvimento sustentável é preciso observar a solidariedade diacrônica e sincrônica em relação às presentes e futuras gerações.

Ademais, imperioso também que se cumpram e se tutelem, concomitantemente, as cinco dimensões da sustentabilidade. Somente dessa maneira, é que se poderá tratar de desenvolvimento sustentável, pois caso alguma das facetas não esteja sendo observada, faltará uma parte do todo, que acabará implicando nas outras partes, acarretando prejuízo.

Nesse diapasão, resta evidente que o emprego do vocábulo desenvolvimento sustentável traz consigo uma carga positiva, diferentemente do emprego isolado da palavra desenvolvimento, que, para muitos, ainda, pode ser vislumbrada como

---

<sup>27</sup> TYBUSCH, Jerônimo Siqueira. *Sustentabilidade multidimensional: Elementos reflexivos na produção da técnica jurídico-ambiental*. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011. p. 72.

<sup>28</sup> SACHS. Ignacy. *Caminhos para o desenvolvimento sustentável*. Rio de Janeiro: Garamond, 2002. p. 60.

crescimento econômico. Assim, as empresas passaram a empregar discursiva e enfaticamente o “desenvolvimento sustentável”, sem que, contudo, adequassem as suas práticas às facetas da sustentabilidade.

Tem-se, pois, a utilização de uma falácia para ludibriar os cidadãos em busca, tão somente, do crescimento econômico. Frise-se que o simulacro do desenvolvimento sustentável revela-se como sendo muito perigoso, pois os cidadãos acreditam não estarem comprometendo as suas necessidades e a das gerações futuras, quando na realidade, estão expostos aos mais inúmeros riscos decorrentes da não observância da sustentabilidade. Diante desse contexto, sequer existem formas de a população se revestir de instrumentos ou apresentar resistência a uma determinada empresa ou produto, visto que apenas terá conhecimento dos malefícios quando os resultados se operarem ou forem iminentes.

Em razão disso, da ótica mercadológica posta e da vida zero das tecnologias, verifica-se que se vive em um momento de recessão e que para ser possível sair da mesma imperioso pensar em novas soluções. Dessa forma, necessário desenvolver a consciência ecológica, a fim de que a teoria se coadune com a prática, ou seja, que o desenvolvimento sustentável seja, de fato, observado pelas empresas. Assim, mostrar-se-á possível afastar-se da visão de curto prazo que hoje prevalece, da corrente mercantilização do conhecimento e da própria vida. Ter-se-á, portanto, uma inversão de paradigmas em que a economia passará existir em função da vida e não ao contrário.

A partir de aludida consciência e da aplicação de uma economia ecológica, bem como da reestruturação dos mecanismos jurídicos referentes à legitimação do desenvolvimento por meio de práticas insustentáveis e da criação de medidas coercitivas eficientes, é que será possível tutelar as cinco dimensões da sustentabilidade, tendo-se, assim, realmente, um desenvolvimento que pode ser denominado de sustentável. Ressalte-se, por fim, que tal é uma medida que deve ser implementada com a maior rapidez possível, sob pena de algumas necessidades das gerações tanto presentes como futuras já não mais poderem ser atendidas, isso porque pode se estar em um caminho sem volta em relação a determinada perspectiva ou faceta no caso concreto.

## **REFERÊNCIAS**

BIFANI, Paolo. *Medio ambiente y desarrollo sostenible*. 4. ed. rev. Madrid: Instituto de Estudios Políticos para América Latina y Africa (EPALA), 1999.

BOEIRA, Sérgio Luís. Sustentabilidade e epistemologia: visões sistêmica, crítica e complexa. In: *Gestão de natureza pública*. Barueri: Manole, 2012.

CAPRA, Fritjof. *A teia da vida*. São Paulo: Cultrix, 2002.

DIERCKXSENS, Wim. Otro Mundo es posible: El conocimiento como patrimônio de la humanidad. In.: RUBIO, David Sánchez; CID, Isabel V. Lucena; ALFARO, Norma J. Solórzano. *Nuevos colonialismos del capital: Propiedad intelectual, biodiversidad y derechos de los pueblos* Barcelona: Icaria Editorial, 2004.

FREITAS, Juarez. *Sustentabilidade: direito ao futuro*. 2. ed. Belo Horizonte: Fórum, 2012

LEFF, Enrique. *Ecologia, Capital e Cultura: A territorialização da racionalidade ambiental*. Petrópolis: Vozes, 2009.

MANTOVANELI JÚNIOR, Oklinger. A sustentabilidade como projeto para a cidadania planetária. In: PHILIPPI JÚNIOR, Arlindo; SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce, FERNANDES, Valdir. *Gestão de natureza pública e sustentabilidade*. Barueri: Manole, 2012.

MONSANTO. *Agricultura Sustentável*. Disponível em: <<http://www.monsanto.com/global/br/quem-somos/pages/nossos-compromissos.aspx>>. Acesso em: 13 maio 2014.

MOURA, Luís Cláudio Martins de. A questão dos transgênicos e a sustentabilidade da agricultura. In: *Revista Estudos*. Goiânia, v. 35. n. 2. mar./abr. 2009. p. 257-267.

ROMEIRO, Ademar Ribeiro. Economia ou economia política da sustentabilidade. In:

MAY, Peter H. *Economia do meio ambiente: Teoria e prática*. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Relatório Brundtland*. Disponível em: < <http://www.un.org/documents/ga/res/42/ares42-187.htm> >. Acesso em: 15 mai. 2014.

SACHS, Ignacy. *Caminhos para o desenvolvimento sustentável*. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

\_\_\_\_\_. *Desenvolvimento incluyente, sustentável, sustentado*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

\_\_\_\_\_. Estratégias de transição para o século XXI. In: BURSZTYN, Marcel (org.). *Para pensar o desenvolvimento sustentável*. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 29-56.

TYBUSCH, Jerônimo Siqueira. *Sustentabilidade multidimensional: Elementos reflexivos na produção da técnica jurídico-ambiental*. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

VEIGA, José Eli da. *Desenvolvimento sustentável: o desafio do século XXI*. 3. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

\_\_\_\_\_. *Meio ambiente e desenvolvimento*. São Paulo: Senac São Paulo, 2006.

VIEIRA, Vinícius Garcia. *A Proteção da Biodiversidade Latino-Americana frente aos Direitos de Propriedade Intelectual sob o Modelo Trips: Alternativas e Divergências*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2009.